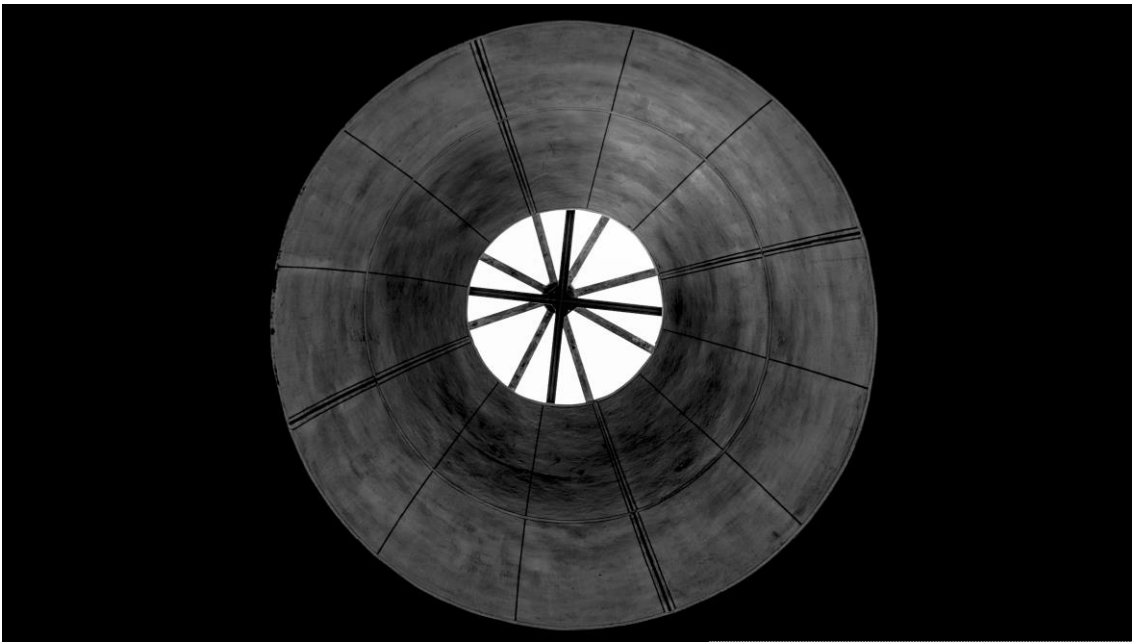


# Escritos corrosivos



*Moon-hole to the sky*, Nicolás Rossi Haverroth, 2015.

**NÍCOLAS ROSSI HAVERROTH**

**2015**

## **Apresentação**

Os presentes textos não almejam muito além do próprio exercício da escrita criativa. Alguns deles, porém, possivelmente se distinguem de outros por propor algo mais, a ter um maior alcance, ainda que modestamente.

Os problemas e as soluções desses textos fazem parte do início de um longo processo e, portanto, as incompletudes e os possíveis acertos não se deixam ficar por aqui.

Cada texto parece pertencer a um universo escuro e vazio, vislumbrando um ponto luminoso que pretende alcançar. Assim, alguns podem ter sido mais bem iluminados, mas definitivamente nenhum tem seus pés fincados no chão.

Há que se dizer, por fim, que estes escritos pretendem corroer angústias e inércias tanto do autor quanto do leitor, um movimento que a literatura e o cinema são capazes de promover.

**O autor/aluno.**

## Sumário

Desumano .....	4
Nocaute .....	6
Not a happy ending .....	7
A luta dos dragões .....	8
Noite de estreia .....	10
Na praia – Duelo – Singing in the rain – Argumento .....	11
Cospe ou engole? .....	12
Suicida qualquer .....	15
Sob um céu febril .....	16
A ilha esquecida .....	17

## Desumano.

Era o sétimo dia e finalmente pôde descansar. Cambaleando, deitou-se em sua cama celestial e fechou os olhos para o mundo. Não teve o tempo de se virar para o lado para que fosse interrompido pela primeira vez.

– E agora, o que é que a gente faz? E pra que serve tudo isso? Pra que serve cada coisa? – perguntava-lhe, do topo de uma montanha alta, Adão, o sujeito desajeitado que acabara de criar.

Sem ânimo para explicações, simplesmente respondeu:

– Não agora, Adão. Volte para Eva!

– M-mas... mas Eva é que está me deixando louco com todas essas perguntas. Eu não sei o que dizer a ela. Pensei que você pudesse me responder.

Além do cansaço, a irritação começava a tomar conta dentro de si. Mas a verdade é que mesmo tendo criado um mundo inteiro e aquelas diversas formas de vida, não sabia como responder às indagações de Adão. Apenas fez o que fez, sem saber o que estava fazendo. Com ar imperativo, mirou Adão que, intimidado, voltou ao Éden.

As perguntas daqueles mortais, porém, se fixaram em suas ideias, e mergulhou naquelas contestações. De uma exaustão extrema foi à dúvida insone. Não se recordava de suas origens, não se lembrava de ter companhia em algum momento, queria saber de onde vinha, e por que raios sentiu-se impelido nos últimos seis dias a criar todas aquelas coisas. Sentiu por vez sua solidão criadora e seu caráter de criatura desamparada. No seu desespero, foi caindo no sono.

Quando acordou, já não estava mais em seu leito. Lembrava-se vagamente de sonhos confusos sobre serpentes e maçãs, mas não entendia como chegara até ali. Sentia a angústia sufocando cada vez mais forte. De repente parecia ouvir vozes que não vinham de lugar

algum. Ao longe viu os dois humanos correndo, como se fugissem, imaginou. Devem ter enlouquecido, fugiriam do quê?

Suas linhas de raciocínio eram tão inconstantes quanto suas lembranças. Não lembrava-se de ver a noite por muito tempo. Enfim, perdeu a capacidade de se surpreender. Apenas sentia um medo obcecado, de alguém que tem todo o universo a percorrer, mas que não enxerga o sentido de dar sequer um passo. No fundo da alma, aquelas perguntas ressuscitavam, e a cada vez que preenchiam todo seu pensamento, perdia-se de si. Quando voltava à consciência, não conseguia rememorar suas ações.

Em seus derradeiros momentos de lucidez, desejava cada vez mais acabar com sua aflição. E pensou que se pudera criar a vida, poderia também exterminá-la. Decidiu que acabaria apenas com a sua própria, num ato que não sabia se de coragem ou de covardia. Talvez aquelas criaturas pudessem construir coisas, a natureza seguir seu próprio fluxo, mas sem a sua presença, de alguém que sabia demais, mas não sabia o mais importante.

Mandou todas as suas criaturas a percorrerem o mundo, fora daquele paraíso, que se tornava um cemitério divino. Seu último ato foi o dilaceramento da crença na própria existência, e a humanidade estava entregue a si mesma, pois sua divindade havia sucumbido ao desespero.

## Nocaute

Depois do almoço, o pai nos leva pra casa. Ele volta pro trabalho e eu e meu irmão vamos assistir o programa de esportes, pra depois não fazer mais nada a tarde toda. Meu irmão liga na Globo. É o único canal que pega. Tá passando os gols do jogo do Mogi Mirim. Ninguém quer saber do Mogi Mirim. Queremos ver é a seleção, parece que o Romário não vai mais pra Copa. Mas ainda tem o Ronaldinho. Antes a Fórmula 1. Schumacher ganhou a corrida ontem e agora é o 2º no campeonato. A corrida teve um monte de acidente.

Intervalo comercial. Bombril. Esse cara é engraçado. Meu irmão zomba. Brahma. Passat. Parmalat. Volta o programa. A apresentadora fala da Libertadores. Zombo do meu irmão. Meu time ganhou do dele. Ele que é mais velho me ameaça. Pedrinho fez o gol do Vasco contra o Grêmio. Rio mais do meu irmão. Ele joga almofada na minha cara. Eu joga almofada na cara dele. Depois o tênis. Há um ano o Guga ganhava o torneio de Roland Garros. Mas esse ano ela não ia bem. Finalmente aparecia a seleção. Faltavam dois dias pra Copa na França começar. Todo mundo ansioso. O Romário não ia jogar mesmo. Foi cortado. Todo mundo apreensivo.

Intervalo de novo. Ford. Rayovac. Mais Bombril. Mais tarde tem Torre de Babel. O time inteiro do Brasil no comercial da Nike. Guaraná Antarctica. Um monte de promoção prometendo viagens pra Paris. O último bloco começa. Mais uma reportagem sobre a Copa. Fala do Zidane. O melhor jogador da França. A matéria acaba e a apresentadora continua o programa com notícias do boxe. Ela fala do Popó e da luta dele. É hoje. Passa depois da novela. Uma reportagem sobre o Popó começa. O repórter fala:

- A Bahia tem boxe. Acelino de Freitas, o Popó, 22 anos, um metro e sessenta e oito, sessenta e quatro quilos. Peso leve. Treze lutas, treze vitórias por nocaute.

Treze lutas. Treze vitórias. Treze nocautes. Da vizinhança ouvimos uns barulhos estranhos. Meu irmão e eu nos apoiamos na janela. Na casa em frente a mulher corre porta afora. Desesperada. Seu marido corre atrás. Possesso. Na calçada ele alcança ela. Pega no braço. Solta um soco. Ela cai. Nem se mexe. Sangue escorre. Meu irmão se vira pra mim e diz:

- Acho que foi nocaute.

## Not a happy ending

A princesa corria em fuga do monstro que a ameaçava e, desesperada, entrou na mata fechada. Ao passo em que ela se perdia na escuridão de grandes arbustos, o dragão e o cavaleiro travavam intenso combate. A persistência do cavaleiro equiparava-se à irritação selvagem do dragão, que mesmo lançando golpes de fogo não suscitava temor no adversário, sujeito notável por vencer batalhas contra dragões de todo tipo.

Ouvindo de longe os rugidos, a princesa temeu a noite, e decidiu por regressar ao castelo, lamentando-se raivosamente por ter atravessado o maldito portão e de lá ter saído. Reuniu toda sua paciência e coragem para procurar um caminho seguro e livre de volta ao castelo.

Um golpe de espada acertava em cheio uma das asas do dragão. Que logo era golpeado de novo. E de novo. Na cabeça e em uma das patas. Mas um vulto brilhante no meio do breu da floresta chamou a atenção do monstro, que mesmo sofrendo com o duelo, saiu à caça da moça dos longos vestidos.

A princesa já estava prestes a cruzar o portão do castelo quando, todo ensanguentado, o monstro a alcançou. Mais uma vez ele se posicionou entre ela e a entrada, impedindo-a de voltar ao baile que aquela noite acontecia no paço. No fundo de sua consciência, a princesa se arrependia mais uma vez de se levar pelas distrações daquele animal que a fizeram atravessar os muros do castelo. Ela encheu-se de coragem novamente para tentar voltar ao interior da construção.

Mas ele não cedia. Barrava sua entrada e avançava cinicamente em sua direção. Se aproximava com seu bafo quente. Soltava grunhidos que a amedrontavam. Ela se esquivava, bravamente procurando meio de sair da situação. Até que o ataque veio, deixando suas roupas rasgadas e sua pele marcada.

O cavaleiro, em sua busca pela princesa, havia ferido gravemente o dragão, quase a ponto de tirar sua vida, como já houvera feito tantas vezes em tantos outros duelos. Mas agora ele não estava mais lutando contra o dragão que, resistindo às dores do combate, reencontrava o cavaleiro seminu e de pênis ereto, tentando estuprar a princesa na entrada do castelo. Princesa e cavaleiro não viram mais nada após as labaredas de fogo em suas direções, carbonizando seus corpos, suas almas, suas ingenuidades e seus pecados.

## A luta dos dragões

Já fazia milênios de anos que os dragões não se sentiam bem com aquilo, e só com a chegada da era da comunicação foi que eles começaram a reunir suas forças. Eles não suportavam a agonia daquela imagem injusta e maléfica a que foram impostos. Nunca foram maus como diziam os contos de fadas. Queriam acertar as coisas, pôr os pingos nos is.

Após meses de discussão pela internet, dragões de todos os cantos do planeta se reuniam para o grande congresso que iria buscar resoluções para a questão do papel do dragão na sociedade contemporânea. O evento teve de acontecer no inóspito continente antártico, para que não houvesse perigo de superaquecimento.

Foram dias e dias de discussões acaloradas, que envolviam a todos, desde os doutos do Velho Mundo aos semianalfabetos das regiões subdesenvolvidas. Casos de todas as épocas foram analisados, sempre com a temática central da marginalização do dragão e suas consequências. Chegou a conhecimento de todos que os problemas atrelados à retórica superficial de autores humanos desembocaram até mesmo na questão da extinção de grupos de dragões em regiões mais remotas do planeta.

Muitos dragões estavam morrendo, pois os humanos, cegos pelas informações errôneas e manipuladoras acerca dos dragões, organizavam grandes matanças sustentadas pelo ódio massivo que embriagava o brio da humanidade.

Os dragões não tinham mais dúvida que lhes era urgente que comessem a agir logo. A partir da convenção, milhares de manifestações começaram a acontecer pelo mundo. Dragões estudiosos, líderes políticos e especialistas nas ciências draconianas abalaram o mundo com seus discursos viscerais expondo as mazelas da condição do dragão no mundo pós-moderno, como herança de milênios de injustiças sobre injustiças impelidas pelos humanos.

Houve confusões acirradas entre os anti-dragões, que sustentavam que tudo aquilo não passava de história pra boi dormir e ridicularizavam a luta dos dragões. Mas os dragões não se abalavam e muitos humanos começaram a se solidarizar com a causa.



Faz poucos anos que isso aconteceu, e a pauta dos dragões está longe de chegar a um desfecho. Há muitos lugares em que os dragões ainda são tratados como seres inferiores. Mas o mundo já não é mais o mesmo. Os dragões estão convictos que atualmente têm mais forças para lutar. E vão seguir lutando, pois eles sabem que o mundo não se faz de *happy endings*.

## Noite de estreia

Myrtle negava Virginia que negava sua realidade e as duas negavam a velhice juntas. Julia odiava o filme. Não acabava nunca e queria ir pra casa. Ela sempre se estressava com o que demorava muito tempo. Ou com qualquer coisa que fizesse sentir o tempo. A pele enrugando em alta velocidade.

Na película, Myrtle desabava e se aniquilava a cada cigarro e a cada copo. Na sala escura, o ronco alto do projetor causava dores de cabeça em Julia, que não aceitaria mais convites para ir ao cinema. Myrtle não queria ser Virginia e Julia não queria saber das duas. Nem da peça dentro do filme, nem do filme dentro da realidade, nem da realidade dentro da peça.

A personagem bebia e se entregava ao delírio alcoólico, e Julia se entregava ao delírio sonífero. Dormiu o restante do filme para não ver a peça e passar o tempo. Ao fim da sessão aliviou-se e saiu com os amigos para beber.

Enquanto conversava com eles Myrtle e Virginia ecoavam em sua mente e ela se irritava e se exauria. A cada vez que Gena Rowlands voltava à tona empunhando um copo, Julia o bebia. Assim passou-se uma noite longa em sua mente, enquanto riam seus amigos sem desconfiar. Julia os acompanhava, por qualquer razão dúbia que todo mundo aceite.

Julia seguiu rindo preocupada naquela longa noite, como uma atriz de teatro em sua noite de estreia. Bebendo como se fosse para espantar todas as lembranças de sua vida e sentir o presente, único e intocável.

Então ela se levantou da mesa e discursou ruidosamente para todos os presentes sobre como uma pessoa deve aproveitar sua vida. Que cada um consumisse obstinadamente cada gota de sua juventude. Bebeu mais um gole, tão ruidoso e reverberante como o discurso, e foi ao chão.

Julia acordou no chão de sua sala, repleta de garrafas, copos e espelhos. E uma tevê. Todos quebrados. Sentiu necessidade de ser real, sem ser Myrtle, Virginia ou Gena. Decidiu que finalmente deixaria de ser uma personagem de si mesma e que seria real, vivendo em seu próprio tempo.

Na praia

Nadaria, para sempre, no azul daqueles olhos.

...

Duelo

Mirou na minha direção e mergulhou em poças de covardia.

...

Singing in the rain

Gotas entraram em meus ouvidos e as notas não saíram mais de minha cabeça.

...

Argumento

Deixe a roupa aí. Não rompa aqui.

...

## Cospe ou engole?

Primeiro, ele geme de prazer:

- Hm... Hmm... hãmm...

Depois, ele grita de dor:

- AAAAAAHHH! AAAAAHHHHH! AAAAAHAAHH! – esganiçando a voz, protesta - Que porra é... eeessa... caralho?!

Ele cai, debatendo-se, sem conseguir reagir. Rola no chão, espalhando sangue pelo pequeno e mal iluminado quarto. E quanto mais se mexe, mais se desespera, como se para cada canto que virasse, sua carne encontrasse um novo motivo para doer.

Ela, sentada contra a parede, acaba de mastigar o pênis. Mal ligava para a presença vociferante do rapaz. Completa sua prática mais orgástica com a devoção de um ritual. Depois de engolir o esperma do indivíduo, morder seu falo até arrancá-lo e triturá-lo em sua boca, deglute o membro, saciando seu apetite sexual. Mesmo o gosto ignóbil da genitália decepada não desmerece seu prazer em comer um pênis em pleno enrijecimento.

...

Pela manhã, ela defeca os membros recolhidos da noite anterior. Mesmo que ela não queira, a rotina já está instaurada. Só espera pelo momento em que pode descarregar-se das genitálias extraviadas.

Misturado a fezes e cheios de sangue, os pênis saem de seu cu sem terem sido completamente digeridos. Um pouco de concentração, imagina ela, e logo poderia restaurá-los em seu intestino, quem sabe até cagá-los por inteiro.

Ela olha para o vaso sanitário e vê um monte de merda dançando com pedaços de pau numa sopa de sangue. É, talvez precisasse de uma paciência demais cirúrgica para consertá-los. Mas ri ao imaginar-se entregando de volta os pênis engolidos e defecados aos respectivos eunucos.

...

Numa noite imprecisa, ela sai para satisfazer-se. Escolhe, dessa vez, ir a um bar asqueroso num dos becos do centro da cidade. Quando chega, senta-se em uma mesa de canto, pede uma cerveja que vem quente e que disputa com as moscas da pocilga. Tem que esperar algum tempo até escolher um par que se encaixe em suas preferências e que tenha cara de alguém que não vá reagir.

Pelo menos meia hora passa para que um sujeito bonachão apareça pedindo um maço de cigarros e um whisky de última categoria. Ela o escolhe. Não precisa nem sair de sua mesa, apenas o olha e ele anda em sua direção. Maliciosamente ele puxa um assunto e dali saem depois litros de cerveja ruim e bebida barata.

Os dois vão até o apartamento imundo dele e logo que chegam começam a se beijar apressadamente. Ele a deixa nua e a acaricia. Suas mãos viajam dos seios à parte interna das coxas. Beija-a no pescoço, põe-se atrás dela e começa a descer em lambidas, chegando até às nádegas da moça. Com uma mão massageia seu clitóris enquanto enfia sua língua no cu dela.

Ela senta na cara do homem, que se deita. Enquanto a boca dele perpassa entre o ânus, o períneo, os lábios vaginais e o clitóris dela, ela aproveita para desabotoar as calças dele. Não há momento melhor, ela pensa. Seu pau está completamente duro, ansiando por um boquete.

Ela, então, começa lambendo vagorosamente, da cabeça ao saco. Começa a chupar o pênis e, enquanto mais próxima chega de gozar, vai preparando sua dentição. Ela pergunta:

- Você gosta de mordidinhas?

- Oh, sim, gosto, ahh.

O sujeito, assim, atiça a sede insana da mulher. Ao chegar às convulsões eróticas do ato, as inocentes mordiscadas em meio a sucções começam a ficar mais fortes, e quando a porra rebenta pela glândula dele, os dentes dela atravessam a carne, separando o homem de seu órgão. Ele esperneia, mas tudo o que se segue é o extremo regozijo do estranho fetiche da mulher, enquanto o homem mal consegue se pôr de pés.

...

Já em casa ela sente dores e enjoos. Nada anormal. Nada demais para ela, que dorme com alguns comprimidos. Quase ao amanhecer ela desperta de sonhos eróticos. Imaginava uma grande orgia em que cada pessoa fazia sexo oral em outra, numa cadeia infinita. No sonho, percebeu que todas as pessoas eram ela mesma, e ela tinha todo os órgãos genitais possíveis.

Mas ao abstrair do sonho, ela se depara com algo que antes não existia: de sua vagina havia saído um pomposo pênis. Até mesmo saco tinha vindo e seu clitóris ainda ficara intacto. Ela olha, deduz, pensa um pouco... Vai ao banheiro e se vê de frente no espelho. Observa todo o seu corpo. Tudo o que ela já estava habituada, mais aquele novo detalhe.

Vê seu pau começando a levantar. Engrossando e aumentando. Começa a se acariciar, lambuza os dedos, molha o bico dos seios, confere que ainda há espaço em sua vagina para penetração. E então, com cobiça, começa a masturbar seu clitóris e seu pênis ao mesmo tempo. Deita-se no chão do banheiro e curva-se para a auto-felação. Assim que ejacula crava os dentes no falo e com o jorro de sangue se derrama em orgasmos múltiplos.

## Suicida qualquer

Vou ao voo que me leva ao infinito. Lanço-me ao vento que rasga os meus últimos suspiros. No concreto desse chão, dilacero o meu sopro de vida. Estilhaço-me na calçada. Pungência quente e borbulhante na frieza cinzenta do centro da capital. Meus ossos em cacos não causam mais nada que espasmos automáticos.

Sou morte anônima, sem culpa e sem perdão.

Despeço-me do desdém, banhando essa rua com uma súplica. Não sejamos mais feridas do universo.

## Sob um céu febril

A grande pílula  
da morte massificada  
cai maciça  
sobre nossas cabeças

5 milhões de graus  
arrastam corpos  
ao vapor

Nuvens esmagam  
destroços  
e carnes retorcidas  
em sangue borbulhante  
na cidade em chamas

Respira o rastro cinza  
Bebe a negra chuva  
radioativa



## A ilha esquecida

EXT. PRAIA. DIA.

Uma mulher, sentada na areia, olha em estado de choque para o céu e para o mar. Suas roupas estão rasgadas e ela tem alguns ferimentos. Há destroços de um avião de grande porte na praia.

Ela vê ao longe uma pessoa caindo. Sai correndo e gritando em direção à ela.

EXT. PRAIA. DIA.

A mulher chega próxima ao corpo. É um homem, igualmente maltrapilho e ferido. Ela se estende sobre ele e vê que o homem não respira mais.

Ela vê, pouco mais longe da costa, mais dois corpos caídos. Começa a se debater e chora. Corre em desespero, buscando por pessoas vivas, e entra na mata fechada.

EXT. MATA FECHADA. DIA.

Segue correndo em desespero, até que ouve um som vindo da praia.

EXT. PRAIA. DIA.

Vê no céu um tipo de helicóptero. Vê que na praia não há mais corpos. O helicóptero voa adentrando à ilha. Ela corre mais uma vez à mata, tentando seguir a direção do helicóptero.

EXT. INTERIOR DA ILHA. NOITE.

Já fraquejando, a mulher encontra um enorme galpão e caminha até ele.

INT. GALPÃO. NOITE.

No local há dezenas de corpos de pessoas mortas. Alguns estão inteiros e empilhados juntos, mas a maioria está despedaçada, com as tampas das cabeças cortadas e sem seus cérebros.

Mais uma vez ela ouve o helicóptero, mas decide se enconder entre os corpos.

Seres desconhecidos entram no galpão. Carregam grandes sacos e serras. Primeiro, as criaturas separam os corpos que estão inteiros. Depois pegam um corpo, serram a tampa da cabeça e retiram o cérebro. Fazem isso com mais dois corpos. A mulher, enfraquecida pela falta de comida e enjoada com o que vê, começa a vomitar.

Os estranhos seres percebem, e procuram de onde vem o barulho. Começam a revirar os corpos. A mulher tenta se esgueirar entre os corpos para ficar escondida enquanto vomita.

As criaturas a encontram, pegam a mulher pelas pernas e pelos braços. Ela luta para se desfazer deles. Um deles empunha a serra, corta a tampa da cabeça da mulher enquanto a mulher grita desesperadamente até morrer.

FIM